



ORIENTE MÉDIO

Repúdio global a despejo de palestinos

Comunidade internacional rejeita a ideia de Donald Trump de assumir o controle total da Faixa de Gaza, mediante a realocação da população do enclave. Ao criticar o plano, agora relativizado pela Casa Branca, Lula diz que o norte-americano "vive de bravata"

“Sou de Gaza, meu pai e meu avô são daqui. Só temos uma opção: morrer ou viver aqui”, reagiu o palestino Ahmed Halasa, 41 anos, à ideia lançada pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, de assumir o enclave e realocar a população para outros países. Anunciado na noite de terça-feira, durante encontro do republicano com o premiê de Israel, Benjamin Netanyahu, o plano foi rechaçado pela comunidade internacional. “Receita para a instabilidade”, classificou a Liga Árabe. União Europeia, ONU, líderes do Oriente Médio, além, claro, dos palestinos rejeitaram de maneira categórica a proposta, que, ontem, foi relativizada pela Casa Branca. “Quem tem que cuidar de Gaza são os palestinos. O que eles precisam é de uma reparação de tudo aquilo que foi destruído”, declarou o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em entrevista a rádios mineiras. “Você tem o tipo de político que vive de bravata”, acrescentou em outro momento da conversa.

Sem informar datas ou detalhes de como seria o controle do território ou a transferência de seus mais de 2 milhões de habitantes, Trump se mostrou animado ao dizer que transformaria o enclave na “Riviera do Oriente Médio”. Alheio às críticas, o presidente dos EUA insistiu, ontem de manhã, que “todos adoraram” sua proposta — bem recebida em Israel.

Contradições

Horas depois, no entanto, coube a Karoline Leavitt, porta-voz da Casa Branca, anunciar um recuo no projeto, classificado pela Liga Árabe como uma “receita para a instabilidade” no Oriente Médio. Segundo Leavitt, o chefe queria que os palestinos fossem “relocados temporariamente” fora de Gaza ao invés de serem reassentados permanentemente.

“O presidente não se comprometeu a enviar tropas para o terreno em Gaza”, disse ainda a porta-voz, acrescentando que os EUA “não vão financiar a reconstrução de Gaza”. O secretário norte-americano de Estado, Marco Rubio, assegurou que Trump quer que os palestinos saiam “temporariamente” da Faixa de Gaza para reconstruí-la, sendo uma proposta “generosa” e não “hostil”.

O Hamas, que governa Gaza desde 2007, chamou a proposta

AFP



Num território devastado pela guerra, dezenas de milhares de pessoas retornam ao norte de Gaza, após o cessar-fogo entre Israel e Hamas



Não permitiremos que os direitos do nosso povo sejam violados”

Mahmud Abbas,
presidente da
Autoridade Palestina

de “racista” e “alinhada com a da extrema-direita israelense”. O grupo palestino também afirmou que o plano é “agressivo” e “não servirá para a estabilidade na região e apenas jogará mais lenha na fogueira”.

Também o presidente da Autoridade Palestina, Mahmud Abbas, rejeitou “vigorosamente” o plano de Trump. “Não permitiremos que os direitos do nosso povo sejam violados”, declarou Abbas, ao desembarcar na Jordânia para uma

AFP



Netanyahu e o líder republicano no Salão Oval: “Lugar de má sorte”

reunião com o rei Abdullah II. O monarca reiterou sua oposição a “qualquer tentativa” de deslocamento da população palestina. Egito e Catar — países mediadores da trégua em Gaza — também se mostraram contrários.

Já Netanyahu disse que a

proposta de Trump poderia “mudar a história” e que vale a pena “prestar atenção”. O governante israelense conta, entre seus aliados, com forças políticas que sonham em reinstaurar colônias judaicas na Faixa de Gaza, de onde Israel

se retirou unilateralmente em 2005 por decisão do então primeiro-ministro Ariel Sharon.

O ministro das Finanças de Israel, Bezalel Smotrich, do Partido Sionista Religioso (extrema-direita), prometeu nesta quarta fazer de tudo para “enterrar definitivamente” a ideia de um Estado palestino.

Após uma guerra de 15 meses desencadeada pelo ataque do Hamas em outubro de 2023 em território israelense, grande parte da Faixa de Gaza está devastada. Um cessar-fogo, que entrou em vigor no mês passado, permitiu a troca de reféns israelenses por prisioneiros palestinos.

A trégua, que se revela cada vez mais frágil, permitiu que dezenas de milhares de palestinos retornassem ao norte do enclave. Para eles, qualquer tentativa de obrigá-los a sair de Gaza evoca o trauma da Nakba (“catástrofe” em árabe), o deslocamento em massa e a expulsão de suas casas durante a criação do Estado de Israel, em 1948.

» Críticas a ONU

O ministro das Relações Exteriores de Israel, Gideon Saar, anunciou, ontem, que o país vai boicotar o Conselho de Direitos Humanos da ONU, o qual acusou de “propagar o antissemitismo”. “Esse órgão tem-se concentrado a atacar um país democrático e a propagar o antissemitismo, em vez de promover os direitos humanos”, declarou o chanceler na rede social X. “A discriminação contra nós é evidente: no Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas (UNHRC), Israel é o único país com um item de agenda dedicado exclusivamente a ele”, apontou. Na véspera, os EUA deixaram o conselho. Segundo o chanceler, o órgão tem se “empenhado em demonizar de forma obsessiva a única democracia do Oriente Médio, Israel.”

Limpeza étnica

O porta-voz de António Guterres, secretário-geral da ONU, pronunciou-se contra qualquer tentativa de “limpeza étnica” em Gaza. “É crucial permanecer fiel aos fundamentos do direito internacional”, declarou Stéphane Dujarric, a jornalista. “Qualquer transferência ou deportação forçada de pessoas de um território ocupado é estritamente proibida”, frisou o alto comissário das Nações Unidas para os Direitos Humanos, Volker Türk, em um comunicado.

A China também criticou a possível “transferência forçada” da população, assim como França, Espanha e Alemanha. A União Europeia afirmou que Gaza é uma “parte integral” de um futuro Estado palestino.

A guerra em Gaza teve início com o ataque do Hamas contra Israel em 7 de outubro de 2023, que deixou 1.210 mortos, a maioria civis. No mês passado, foi acertado um cessar-fogo para libertação de reféns israelenses e presos palestinos. A controversa proposta de Trump surge no momento em que se começa a negociar a segunda fase da trégua, agora ameaçada.

MÉXICO

Presidente vê risco à soberania

Em meio à guerra comercial com os Estados Unidos, a presidente do México, Claudia Sheinbaum, denunciou, ontem, que a autonomia do país está em risco. “Nesses tempos em que aparecem ameaças à nossa soberania nacional, em que o espírito intervencionista se aproxima das portas de nossa pátria, é momento de lembrar a história e nossa grandeza”, disse a presidente esquerdista, em um discurso alusivo à promulgação da Constituição mexicana de 1917.

Sem se referir expressamente

aos EUA ou ao presidente Donald Trump, Sheinbaum elevou o tom em um momento em que negocia com Washington para evitar a imposição de tarifas de 25% às importações. Na segunda-feira, ela conseguiu que Trump adiasse a medida em um mês.

“Não somos colônia de ninguém, nem protetorado de ninguém. Poderão nos ameaçar com qualquer abuso, mas jamais permitiremos que violem nossa soberania e pisoteiem a dignidade do nosso povo”, afirmou Claudia Sheinbaum na cidade de

AFP



“Não somos colônia de ninguém”, ressaltou Cláudia Sheinbaum

Querétaro, no centro do país.

Em troca da trégua tarifária, ela ordenou o envio de 10 mil militares à fronteira norte para reforçar a luta contra o tráfico de drogas, especialmente o

fantil, e a passagem de migrantes sem documentos para os EUA. Donald Trump alega que o México e o Canadá, país ao qual também adiou a punição tarifária, não fazem o

» Seguindo os EUA, Argentina deixa a OMS

O presidente da Argentina, Javier Milei, retirou o país da Organização Mundial da Saúde (OMS) por “profundas diferenças em relação à gestão sanitária” durante a pandemia da covid-19. “Por isso, decidimos sair de um organismo tão nefasto que foi o braço executor do que foi o maior experimento de controle social da história. VIVA A LIBERDADE, PORRA”, destacou, por meio de suas redes sociais. O ultraliberal seguiu, assim, os passos do presidente Donald Trump, que após assumir a Casa Branca deixou a OMS. A Casa Rosada anunciou, ainda, mudanças na Lei de Identidade de Gênero, em vigor há mais de uma década, para proibir que menores de idade possam fazer cirurgias de redesignação sexual e procedimentos de harmonização.

suficiente para conter essas ações.

No discurso, Sheinbaum disse que seu governo está disposto a cooperar, mas jamais com “submissão” ou subordinação. “Que se ouça forte e longe, que qualquer intenção de afetar nosso direito de ser um povo livre, um país independente, uma terra

soberana, encontrará um povo valente que sabe lutar para defender seus direitos e sua pátria.”

México e EUA também estabeleceram uma mesa de trabalho para avaliar os resultados de seus compromissos. Mais cedo, Sheinbaum se mostrou otimista sobre esse diálogo.